

ORGANIZAÇÃO

ERNST L. FREUD

HEINRICH MENG

CARTAS ENTRE
FREUD & PFISTER
(1909 — 1939)

*Um diálogo entre
a psicanálise e a fé cristã*

TRADUÇÃO

KARIN HELLEN KLPLER WONDRAČEK

DITMAR JUNGE



Editora Ultimato

Viçosa, MG

Sumário

PREFÁCIO À EDIÇÃO BRASILEIRA	7
PREFÁCIO	
<i>Ernst L. Freud</i>	13
<i>Heinrich Meng</i>	14
<i>Anna Freud</i>	18
CARTAS	21
APÊNDICE	197

Prefácio à edição brasileira

Apresentamos ao público de língua portuguesa as *Cartas entre Freud & Pfister* (1909-1939). Editadas na Alemanha já na década de 60, somente agora chegam às mãos do leitor luso-brasileiro. Este longo tempo que nos separa da primeira edição alemã já é instigante por si; da mesma forma, penetrar na amizade do criador da psicanálise com o pastor protestante Oskar Pfister também pode ser um caminho instigante e fascinante. Desde as primeiras linhas das *Cartas* sentimos o cálido acolhimento que Freud dá ao religioso que busca na psicanálise uma melhor instrumentação para entender a alma. E acompanhamos como, pouco a pouco, os dois trocam idéias, textos e, acima de tudo, compartilham vida. Visitam-se, presenteiam-se, fazem confidências e influenciam-se mutuamente. “Nenhuma visita, desde a de Jung, teve tanto impacto nas crianças e trouxe tanto bem-estar a mim mesmo”, escreve Freud em 12.7.1909. “Se me perguntassem sobre o lugar mais apazível da terra, eu responderia: Informem-se na casa do Professor Freud!”, revela Pfister, em 30.12.1923.

O que havia de comum entre eles era, acima de tudo, a busca pela compreensão do homem. Talvez, hoje em dia,

soe com inquietante estranheza o fato de Freud ter-se relacionado de modo tão estreito e amistoso com um religioso. “De sua carta obtenho a alegre certeza de que a diferença entre nossas visões somente começa quando moções emocionais passam a influir sobre os processos de pensamento; certeza, portanto, de que esta diferença somente pode ter a importância de uma útil variação”, escreve Freud na sua terceira carta, em 1909. Em que sentidos pode ser considerada útil a variação entre Freud e Pfister?

“Útil variação”, porque provocou um fecundo diálogo sobre vários temas, como: o complexo relacionamento entre psicanálise e religião, a psicanálise como técnica a serviço da cura analítica de almas, os primórdios da análise laica, a análise de crianças e adolescentes e a análise de pessoas “não doentes no sentido clínico”. Houve também lugar para questões técnicas — a interpretação de sonhos, o manejo da transferência, a relação analista-analisando, a formação do analista e os meandros da produção textual. A bagagem de Pfister — esse cura de almas convicto do amor de Deus para com os homens — foi confrontada, entre outras coisas, com a regra de abstinência e com o pessimismo do teorizador da pulsão de morte. Apesar de se gerarem agudos embates de palavras, o apreço mútuo soou mais alto.

Como educador, Pfister também foi pioneiro em interligar a psicanálise à pedagogia. Muitas questões foram tecidas nas entrelinhas das suas vivências, pois enfrentou as lutas inerentes aos que constroem novas pontes:

É muito doloroso para mim que os teólogos permaneçam atrasados e fracassem de modo tão lamentável. Há mais de 18 anos estou no trabalho. Os pedagogos têm aceitado muitas coisas e, de todos os lados, ouço que a análise vai ocupando cada vez mais o centro dos interesses.

Os teólogos envolveram-se demais numa tola disputa por princípios, em vez de se preocuparem com o bem-estar psíquico dos laicos — e o seu próprio.
(Pfister, carta de 10.9.1926.)

Desabafos também aconteceram, de ambos os lados. A psicanálise sempre ressaltou a importância de ligar afetos a idéias, e é justamente a feliz combinação do terno relacionamento com a discussão teórica que proporciona essa visão abrangente dos temas abordados. O psicanalista Joel Birman comenta a respeito das *Cartas*:

A correspondência entre Freud e o pastor Pfister, estabelecida de forma sistemática entre 1909 e 1938, constitui talvez o arquivo discursivo mais importante para balizarmos a relação entre os discursos psicanalítico e religioso, considerando que algumas das teses fundamentais deste debate foram assumidas na vivacidade de um diálogo amigo e cordial, em que os interlocutores assumiram posições discordantes face a esta problemática.*

É fascinante acompanhar o diálogo sobre o texto de Freud, *O futuro de uma ilusão*, e o processo de geração do texto-resposta que Pfister denominou *A ilusão de um futuro*. “Eu o fiz com grande alegria, pois luto por uma amada causa com um amado adversário” (Pfister, carta de 20.2.1928). É comovente sentir a abertura e, mais ainda, o desejo de Freud em escutar o amigo que pensa diferente:

...Alegro-me diretamente pelo seu posicionamento público contra minha brochura; será um refrigerio em meio ao coro desafinado de críticas, para o qual estou preparado. Nós sabemos que, por caminhos diferentes, lutamos pelas mesmas coisas para os pobres homenzinhos.
(Freud, carta 81.)

(*) BIRMAN, Joel. Desejo e promessa, encontro impossível; o discurso freudiano sobre a religião. In: PELLEGRINO, Hélio. *A-Deus*. Petrópolis: Vozes, 1988.

Novamente, houve a asseveração da amizade e da possibilidade de divergência. E Pfister, nessa privilegiada posição, foi um dos primeiros a interpelar Freud a respeito de várias questões como a relação entre psicanálise e ética, entre psicanálise e visão de mundo, e a legitimidade do discurso científico.

Freud escreveu ao pastor, em 10.5.1925, após uma visita deste, que, ao expor seu retrato no consultório, Pfister iria ocupar “um lugar na minha sala para morar definitivamente entre pessoas com idéias afins” (carta 71). Ao contrário de outros relacionamentos de Freud, rompidos frente a divergências, Pfister permaneceu morando na intimidade do amigo e mestre, como se lê nesta carta de 1930:

Eu ao menos me agrado do próprio fato de que o senhor escreve de si e sobre o que trabalha, o que espera, do que sente falta. Com o distanciamento geográfico, facilmente a gente se afasta quando não ouve nada um do outro, quando não pode vivenciar nada junto, e as relações pessoais são algo especialmente valioso, que não pode ser coberto por comunhão de trabalho ou de interesses. Justamente nós dois, depois que nos conscientizamos das últimas diferenças fundamentais de nossas concepções de vida, temos agora motivos especiais — mas também inclinações especiais, eu espero — para cultivar tais relações. (Freud, carta 92.)

Tanto compartilharam a intimidade da vida, que Pfister e os descendentes de Freud acharam por bem censurar o conteúdo das cartas para publicação. A propósito, lembramos aqui a carta 4, em que Freud criticou Pfister por ter sido incompleto ao relatar um caso: “Compreendi que o contexto e o público impuseram-lhe a necessidade de omitir muitas coisas ou censurá-las. Isto sempre é doloroso para o autor e o leitor entendido”.

Quanto à tradução, houve um esforço deliberado em seguir o que Laplanche* definiu como “fidelidade a Freud”. Tarefa difícil mas gratificante, quando se trata de traduzir idéias e afetos de amigos tão singulares. Tentamos preservar ao máximo o estilo do idioma alemão da época, mantendo as características dos dois “construtores” da obra.

Visto que a psicanálise enfatiza os determinismos inconscientes na utilização das palavras, foram assinaladas, em notas de rodapé, as expressões idiomáticas, os jogos de palavras, os duplos sentidos, para possibilitar maior compreensão dos termos originais. Foram citados, entre colchetes, os títulos das obras mencionadas nas cartas e também dos periódicos da época, para que o leitor luso-brasileiro conheça melhor os termos da produção textual nos primórdios da psicanálise e a fecunda relação entre os campos abordados. Desejamos que a presente tradução motive mais buscas, mais intercâmbios, e, quem sabe, novas publicações em português.

Antes de finalizar, gostaríamos de registrar que o Corpo de Psicólogos e Psiquiatras Cristãos — CPPC — sente-se honrado com a oportunidade de, juntamente com a Editora Ultimato, publicar as *Cartas entre Freud & Pfister* (1909-1939) em língua portuguesa. Por mais de vinte anos, o CPPC tem sido um fórum permanente de debates, resultando num intercâmbio fecundo entre as profissões que lidam com a *alma* — palavra preciosa para Freud e Pfister — e a fé.

Aos amigos de Freud e de Pfister, que apoiaram todo o projeto, expressamos nossa profunda gratidão.

Porto Alegre, abril de 1998

Karin Hellen Kepler Wondracek, Psicanalista e membro do CPPC

(*) LAPLANCHE, Jean. *Traduzir Freud*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

Prefácio

I.

A presente correspondência com o pastor suíço Oskar Pfister é a terceira coletânea de cartas da mão de Sigmund Freud que vem a público. O primeiro volume contém as cartas de Freud a Wilhelm Fliess nos anos 1887-1902, sob o título *Aus den Anfängen der Psychoanalyse* (nova edição; Frankfurt am Main, 1962). Um segundo volume (*Briefe 1873-1939*. Frankfurt am Main, 1960) contém uma coletânea de cartas preponderantemente pessoais dirigidas a 102 destinatários, que se estende por toda a vida de Freud.

Esperávamos publicar a correspondência entre Freud & Pfister integralmente. Isto não nos foi possível, visto que os originais das cartas de Pfister foram perdidos. Uma parte deles foi destruída por Freud, conforme o desejo de Pfister (ver carta de 1.6.1927), outra parte foi sacrificada pelas condições impostas pela emigração. Entretanto, através de notas estenográficas de Pfister, foi possível reconstruir um certo número de suas cartas e, desse modo, incorporar

importantes cartas e trechos a esta coleção.

A correspondência inicia no ano de 1909 e termina em 1937, dois anos antes da morte de Freud. Compreende 134 manuscritos de Freud — cartas, postais e telegramas — dos quais quase 100, a maioria sem cortes, aparecem aqui.

Os editores agradecem: a Anna Freud pela sua ajuda na seleção das cartas, à Sociedade para Psico-higiene da Universidade da Basileia (direção de Heinrich Meng) e principalmente à sua associada Christine M. Senn-Dürck pelo trabalho preparatório para a edição, bem como à Senhora Pfister, assistida pelo pastor Pfenninger, pela reconstituição das cartas de Pfister.

Londres, 1962

Ernst L. Freud

II.

Doutor em filosofia e doutor *honoris causa* em teologia, Oskar Pfister nasce a 23 de fevereiro de 1873, em Zurique, sendo o mais novo de quatro filhos de um pastor protestante. Com apenas 3 anos ele perde o pai. Cursa as escolas de Zurique até concluir o secundário e depois estuda teologia e filosofia em Zurique, Basileia e Berlim. Desempenha seu primeiro pastorado em Wald (Cantão de Zurique). Em 1902, passa à paróquia de Predigern, em Zurique, onde fica efetivo até 1939, quando se aposenta.

Em 1934, recebe o título de doutor *honoris causa* pela Faculdade de Teologia de Genebra.

Em primeiras núpcias, Oskar Pfister casa-se com Erika, nascida Wunderli, que faleceu em 1929. Deste casamento

descendeu um filho, que vive hoje em Zurique como psiquiatra. Em segundo casamento, Pfister une-se em máxima felicidade com uma prima viúva, Martha Zuppinger-Urner, que trouxe duas crianças para o lar. Foi para elas sempre um pai exemplar.

Já como jovem pastor, Pfister protesta num artigo contra *Os pecados de omissão da teologia contemporânea para com a Psicologia**. Em 1908, depara-se com os achados de Sigmund Freud e encontra neles o instrumento que há tempos procurava, e que o coloca na condição de poder auxiliar de outra maneira as pessoas que antes, como cura de almas espiritual, não conseguia ajudar suficientemente. Abre caminho até as fontes inconscientes e semi-conscientes das situações de angústia, conflitos de consciência e idéias obsessivas daqueles que o procuram e constrói de modo autônomo os fundamentos de uma pedagogia e cura de almas orientadas psicologicamente.

Entre 1909 e 1956, ano de sua morte, Pfister produz inúmeros livros e artigos em que expõe observações e resultados de pesquisas próprias, sobretudo sobre a técnica do método psicanalítico, sobre o significado etiológico da sexualidade na construção das neuroses, sobre religião e histeria, psicologia da arte, filosofia e psicanálise, a cura analítica de almas (esta seria a primeira aproximação entre psicanálise e cura de almas), cristianismo e angústia, e temáticas relacionadas.

Pfister foi especialmente bem-sucedido na aplicação dos

(*) *Unterlassungssünden der heutigen Theologie gegenüber der Psychologie.*

(**) No original, Pädanalyse.

achados psicanalíticos à pedagogia (ele próprio chama este campo de aplicação de *pedanálise***).

Seria muito errado presumir que o pastor Pfister tenha negligenciado, em função dos estudos e práticas psicanalíticas, o seu ministério como pastor e cura de almas. Ele não era um homem de superficialidades e exercia o pastorado como teólogo íntegro e cordial, irradiando bondade, calor e disposição de ajudar todos os que o procuravam como ministro. Seu amigo, o pastor Hans Pfenninger, escreve dele: “Como representante de uma expressão livre do cristianismo, ele era inimigo de toda pressão de dogmas, mas àqueles que, em consequência de amarras internas, precisavam se apegar a dogmas, ele acolhia com muita compreensão e com o todo amor... Ele foi também sustentado pelo amor da sua comunidade”.

A relação com Freud se estende através de todos os anos do seu pastorado. Os dois homens tornam-se amigos. A revisão da correspondência revela como era estreita e produtiva a ligação mútua. Pelo temperamento, pela honestidade e pela descompromissada busca da verdade de ambos, digladiavam-se muitas vezes com espadas afiadas, mas do mesmo modo mostravam autêntica tolerância e empatia recíproca.

O texto de Pfister *A ilusão de um futuro* como resposta à obra de Freud *O futuro de uma ilusão* mostra com que coragem pessoal, com que crítica, metodologia treinada e reverência à grandeza de Freud o colaborador, psicanalítico e teologicamente instruído, contrapõe-se a seu mestre. Este debate atesta de que modo se pode conduzir uma discussão científica com Freud. Uma diferença de opinião não precisa de modo algum levar à ruptura com Freud. Pelo contrário,

como ressalta Goethe, as opiniões divergentes sobre um tema só poderiam provocar separação se as mentalidades fossem fundamentalmente divergentes. Mas nisso Freud e Pfister eram profundamente próximos. As raízes da mentalidade de ambos eram: amor à verdade, principalmente amor como fator central para a compreensão das pessoas, não contemporizar quando estão em jogo valores mais elevados e não se deixar subornar por louvor ou censura.

Várias obras de Oskar Pfister surgiram incitadas pelo diálogo e correspondência com Freud, e, da mesma forma, Freud tomou estímulos de Pfister para suas pesquisas. Por exemplo, não há dúvida de que Freud tenha recebido multiformes estímulos para a técnica da análise de crianças, a partir das contribuições de Pfister, altamente concretas e criadas em sua prática de psicanálise com crianças púberes.

Em conformidade com a profissão de Oskar Pfister, foi para a cura de almas que os seus estudos psicanalíticos tiveram um efeito especialmente frutífero. É de muito interesse acompanhar como Freud, que fala de si como um “cura de almas secular”, tem ouvido aberto para a técnica e experiência do cura de almas religioso-espiritual Pfister, enquanto este ressalta a objetividade de Freud, do homem que diz de si mesmo que o sentimento religioso lhe escapa. Pfister citava neste contexto uma carta de Freud a ele:

A psicanálise em si não é religiosa nem anti-religiosa, mas um instrumento apartidário do qual tanto o religioso como o laico poderão servir-se, desde que aconteça tão somente a serviço da libertação dos sofredores. Estou muito admirado de que eu mesmo não tenha me lembrado de quão grande auxílio o método psicanalítico pode fornecer à cura de almas, porém isto deve ter acontecido porque um mau herege como eu está distante dessa esfera de idéias.

Os estímulos e os impulsos com que Oskar Pfister apresentou a prática da psicanálise foram registrados por ele em múltiplas publicações. Porém, mais decisiva que a palavra escrita foi o efeito da sua personalidade. Sua tese de que a religiosidade autêntica poderia ser uma proteção contra a neurose não foi contestada por Freud. Freud apenas achava que ela era uma raridade no nosso mundo e que, por isso, seria questionável como fator confiável.

Quando se mencionava sua correspondência com Freud, Pfister mostrava-se repleto de gratidão, orgulho e alegria por esta obra, na qual dois “arquitetos” trabalharam por décadas. Nos últimos anos antes de sua morte (6.8.1956), Pfister manteve uma estimulante amizade com o professor R. J. Brandt, hoje residente em Los Angeles, que congratula-se com a publicação das cartas — também para a América. Em 1944, Oskar Pfister transferiu a mim o encargo e a responsabilidade de publicar as cartas, sob as mesmas condições que ele colocou a Anna Freud, de renunciar a todos os trechos que pudessem ferir pessoas vivas.

Basiléia, 15 de fevereiro de 1963

Heinrich Meng

III.

No ambiente doméstico dos Freud, alheio a toda vida religiosa, Pfister, com seus trajes, aparência e atitude de um pastor, era uma aparição de um mundo estranho. No seu modo de ser não havia nada da atitude científica quase apaixonada e impaciente, com a qual outros pioneiros da

análise encaravam o tempo passado à mesa com a nossa família — como uma interrupção das suas discussões teóricas e clínicas. Pelo contrário, seu calor humano e entusiasmo, sua viva participação também nos fatos mínimos do cotidiano entusiasmavam as crianças da casa e faziam dele um hóspede bem-vindo em qualquer tempo, uma figura humana ímpar em seu modo de ser. Para elas, segundo um dito de Freud, Pfister era não um “santo homem” mas um tipo de “flautista de Hamelin”, que só precisava tocar seu instrumento para ter um bando inteiro obediente atrás de si.

Para o pastor Pfister foi este trasbordamento de sentimentos da psicanálise em si para com o seu criador, e dele para com seus descendentes, que o estimulou, após a morte de Freud, a deixar a correspondência para mim, como “a filha do meu grande benfeitor”, com a permissão de “se servir do material apropriado”, com a única ressalva de que nada “que pudesse ferir pessoas vivas” fosse trazido a público.

Londres, 1962
Anna Freud



Cartas



Viena, IX., Berggasse 19

18.1.1909

Excelentíssimo doutor,

Não posso me satisfazer apenas em lhe agradecer pela remessa do trabalho *Representações delirantes e suicídio de alunos*¹; tenho também de expressar minha satisfação porque nossas pesquisas psiquiátricas encontraram guarida num cura de almas espiritual*, que tem livre acesso às almas de tantos indivíduos jovens e valorosos. Costumamos censurar nossa psicanálise, meio na brincadeira mas no fundo também com seriedade, dizendo que ela necessita de uma situação normal que permita seu uso, e que, organizadas, as anormalidades da vida da alma lhe impõem uma barreira; de modo que ela encontra suas melhores condições justamente onde dela não se necessita, isto é, nos sãos. Devo supor que este *optimum* seja alcançado nas circunstâncias em que o senhor atua.

Nosso amigo comum, C. G. Jung², freqüentemente tem mencionado seu nome para mim; estou contente em poder ligar a ele agora um conteúdo mais definido e espero que o senhor não vá privar-me de suas demais obras.

¹ PFISTER, Oskar. *Wahnvorstellung und Schülerselbstmord*, Schweizer Blätter für Schulgesundheitspflege, 1909, N° I.

(*) Freud usa aqui o termo *Seelsorger*, que significa: "o religioso que cuida das pessoas de uma igreja e as dirige para Deus". Em outros momentos é citado o substantivo *Seelsorge*, significando "a atividade de cuidar, aconselhar e orientar a pessoa". *Seele* = "alma", *sorgen* = "cuidar, prover, preocupar-se por". Não há possibilidade de tradução fiel ao português, razão pela qual utilizou-se "a cura de almas" para o processo e "o cura de almas" para a pessoa que o exerce. (N.T.)

² Carl Gustav Jung, Dr. med. (1875-1961), professor de psicologia na Universidade de Zurique.

Seu agradecidamente devotado,
Freud

2

Viena, IX., Berggasse 19

9.2.1909

Excelentíssimo doutor,

Reli hoje novamente seu precioso trabalho, o qual vou relatar amanhã no nosso pequeno círculo³, e certamente teria a necessidade de ouvir mais do senhor do que posso depreender da publicação e de lhe dizer mais do que se consegue registrar numa carta. Talvez ainda surja uma oportunidade para tal troca de idéias. Para hoje quero apenas focalizar a diferença que existe entre sua atividade e a atividade médica, como o senhor também o constata com base em Stekel⁴.

O êxito continuado da psicanálise seguramente depende da ocorrência de dois resultados: que haja descarga de satisfação e que se domine e sublima a pulsão recalcitrante. Se na maioria das vezes só temos sucesso com a primeira, a razão em grande parte reside no material: pessoas sofrendo gravemente há longo tempo, que não esperam do médico uma elevação moral, são muitas vezes material inferior. Junto ao senhor encontram-se jovens atraídos à sua pessoa, com conflitos recentes prontos para sublimação, e para a forma mais cômoda da mesma, a sublimação religiosa. O senhor certamente não duvida de que seu sucesso tem sido alcançado

³ Sociedade Psicanalítica das Quartas-feiras, que se reunia semanalmente na casa de Freud.

⁴ Wilhelm Stekel, Dr. med. (1868-1940), neurologista e psicanalista vienense.